

# VIDEOGRAFIA

Bole  
tim

bibliográfico

Apesar das novas propostas pedagógicas e mesmo frente à necessidade de o atual sistema educacional incorporar os meios de comunicação em seus currículos, o Cinema, diferentemente do ensino da Literatura, das Artes Plásticas e da Música, continua transitando entre o fascínio que desperta e o temor de não se saber como abordá-lo além de sua utilização ilustrativa de visões e interpretações histórico-culturais. Poucos são os que se aventuraram a encará-lo como linguagem que exige estratégias de abordagens e metodologias específicas, não se dando conta de sua ampla interdisciplinaridade.

O cinema, pela íntima e dialógica relação que mantém com a sociedade, permite intercâmbio entre várias áreas do conhecimento, bem como expansão de muitas expressões artísticas. Basta considerarmos, a título de exemplo, o quanto ele se utiliza, desde 1896, das adaptações literárias e de como usa e recria inúmeros recursos tais como cenário, iluminação etc.

Pensando nestas questões e, principalmente, no exercício que a desconstrução/reconstrução de um filme e da realidade nele representada nos permite realizar, considerando ainda que dadas as várias instâncias de questionamentos possíveis, o estudo do cinema nos leva a um outro estágio do conhecimento e a outra postura diante da imagem em movimento, gostaria de propor para este número de *Comunicação & Educação*, filmes que favoreçam a leitura do Cinema e da sua interdisciplinaridade.

Nesta perspectiva, os filmes selecionados são *Cinema Paradiso*, devido à “clara homenagem que faz ao Cinema como fenômeno social e meio de aprendizagem”<sup>1</sup>; *O nome da Rosa*, por ser uma novela histórica (século XIV); *As bruxas de Salém*, enquanto leitura metafórica de fatos e tempos.

## **Cinema Paradiso** (Nuovo Cinema Paradiso)

Roteiro e direção: Giuseppe Tornatore

Fotografia: Blasco Giurato

Música: Enio Morricone

Ano: 1989/França/Itália/Duração: 155'

### A AUTORA

**Maria Ignês Carlos Magno**

Professora de História no primeiro e segundo graus, em São Paulo. E-mail: unsignes@usp.br

De acordo com as autoras Marcè Coll, Marta Silva e Anna Solà, Tornatore, ao preocupar-se com o ato de olhar, mostra-nos como busca a presença do cinema no fio invisível que prende o espectador à tela, ao mesmo

1. COLL, Marcè; SILVA, Marta; SOLÀ, Anna. *Guía para el uso del Cine en la escuela. Cuadernos de Pedagogía*. Barcelona: Fontalba, 1995.

tempo em que apresenta as mudanças e evolução de uma pequena comunidade da Sicília, através do público que frequenta a sala de Cinema.

Ao recuperar as imagens que tem em sua memória desde a infância, indica-nos também, através dos fragmentos fílmicos, um período da história do cinema e de como este é parte integrante da memória coletiva<sup>2</sup>.

É interessante desenvolver um roteiro de trabalho após a apreciação do filme. Sugerimos o desenvolvimento dos seguintes itens:

- elaborar uma cronologia dos acontecimentos sociais e políticos indicados no filme;
- analisar as relações entre cinema e sociedade;
- discutir em que medida a história do Cinema é útil para compreender as mudanças sociais e políticas de nosso século;
- fazer um levantamento dos filmes atuais de maior êxito, tirar conclusões;
- buscar na memória filmes que tenham permanecido, comentar o porquê;
- realizar um questionário sobre a frequência do público às salas de cinema, quais filmes são os mais indicados?, que efeitos tem o cinema no espectador?, por que exerce tanta fascinação? o cinema é realmente uma fábrica de sonhos? quem controla ou produz estes sonhos?<sup>3</sup>.

### **O nome da Rosa** (Der name der Rose)

Direção: Jean-Jacques Annaud

Roteiro: Gerard Bach, Alain Godard, Haward Franklin

e Andrew Birkin, segundo novela homônima de Umberto Eco.

Fotografia: Tonino Delli Colli

Música: James Horner

Ano: 1986/República Federal Alemã, França e Itália/Duração: 120'

Sean Conery interpreta o papel de um monge franciscano que procura um livro mortal e investiga porque todos os que se aproximam deste texto morrem. Com a chegada do inquisidor encarregado de livrar os monges de certos poderes satânicos, intensifica-se a luta dos opressores da abadia para manter seus impenetráveis mistérios e impedir a busca do livro.

Esta novela histórica definida por seu autor, Umberto Eco, como um tecido de outros textos, um livro feito de livros, vai muito além do que a síntese apresentada e catalogada como policial, nas prateleiras das locadoras, já que possibilita várias entradas de análise e principalmente de pesquisa. A primeira delas é a própria época em que a história se passa, século XIV, as mudanças que se operam no mundo medieval, na mentalidade de uma época em transição; as contradições e confrontações entre o Papado e o Imperador e entre as diferentes ordens religiosas.

2. COLL, Marcè, SILVA, Marta, SOLÀ, Anna. *op. cit.*

3. *Idem, ibid.*

A partir desse marco histórico, podemos discutir a complexidade do mundo medieval, a composição de uma abadia, as bibliotecas medievais, seus monges copistas (entre outras coisas), o legado filosófico e literário grego, as relações sociais, os monges heréticos aos quais eram destinados serviços na cozinha, despensa, celeiros etc.

Quanto aos mundos em contradição, podemos aprofundar o estudo do Realismo frente ao Nominalismo, da Escolástica e seus críticos. O riso como tema de pesquisa, uma vez que seu significado, naquele contexto, é de total subversão.

Devemos aproveitar para discutir a inovação e a confrontação de métodos repressivos como, por exemplo, o da inquisição, instaurado por Guilherme de Baskerville e os métodos repressivos utilizados pelos regimes autoritários na atualidade.

### **As bruxas de Salém (The Crucible)**

Direção: Nicholas Hytner

Roteiro: Arthur Müller

Fotografia: Andrew Dunn

Produção: Robert A. Müller e David G. Picker

Música: George Fenton

Ano: 1996/EUA/Duração: 123'

Filme adaptado a partir de peça teatral de Arthur Müller, que narra uma caça às bruxas em Salém, Massachusetts, no século XVII, da qual o filme também se apropria para retratar, metaforicamente, a histeria do período macarthista.

Este filme pode ser trabalhado sob dois enfoques, enquanto estudo comparativo entre os processos de inquisição, buscando nesta vertente as mentalidades, ou seja, o significado das heresias, quem eram as bruxas medievais, o que diziam, por que iam às fogueiras e quem são as bruxas de Salém e, ainda, no sentido mesmo da proposta de Arthur Müller, uma metáfora, para denunciar o macarthismo, falando do século XVII.

Vale a pena a pesquisa e a discussão do período de pós-guerra: o mundo dividido entre socialistas e capitalistas, ascensão e controle do bloco capitalista pelos Estados Unidos, o movimento macarthista naquele país, quem foi Joseph MacCarthy e o Comitê de Atividades Anti-americanas e quem eram as pessoas perseguidas por esse movimento.

Para subsidiar a discussão, o professor pode se preparar consultando a seguinte bibliografia:

ARAÚJO, Inácio. **Cinema, o mundo em movimento**. São Paulo: Scipione, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. *Rabelais e a história do riso*. In: \_\_\_\_\_. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1987.

BERNADET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Nova Cultural/Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos).